FONTES, L.R., 1999. O berne nosso de cada dia [crônica].
Secretários de Saúde – Saúde Pública e Hospitalar, n. 38 (ano 5): 26, 28.

O BERNE NOSSO DE CADA DIA...

Luiz Roberto Fontes - Médico Ginecologista e Biólogo

Faz bem uns 12 anos, quase nem lembrava mais deste caso. Uma amiga da família telefona uma noite, para discutir assunto da filhinha, então com uns 5 anos de idade. Afinal, sou médico e amigo. E amigo é pra essas coisas. Não importa que seja ginecologista, ou que a consulta corra pela linha telefônica.

— Mas, diga lá, qual é o problema da menina?

— (mãe desesperada) Apareceu uma ferida na cabeça. Parece furúnculo, mas tem um ponto preto... Já levei à pediatra, que receitou antibiótico há 3 dias, mas a coisa só faz aumentar. Tá doendo... É na cabeça... Agora a pediatra quer pedir exames complementares...

Após recolher dados preliminares, sobre o tamanho e o aspecto do calombo, há quantos dias surgiu, se cresceu de repente ou gradualmente, concluo que a coisa se parece com um pequeno vulcão, do qual não sai pús, no máximo uma gotinha de líquido hialino, às vezes. Mas dói, dá umas fisgadas na cabeça da menina e ela, claro, aporrinha a mãe, que como toda mãe amorosa já pensa no pior... Finalmente, parto para o interrogatório:

— Fez febre? Tá nascendo mais algum? Dói a nuca? Tem gânglio no pescoço? Tem... ?

— (mãe preocupada) Não... nada disso...

— Alguma viagem recente?

— (mãe viajante) Só visitamos o sítio dos avós, há uns 10 dias, lugar chique, com piscina, cavalos, cães de raça... Pertinho de São Paulo... Tudo muito limpo... Passamos um fim de semana muito agradável...

— Fechei o diagnóstico: é berne!

— (mãe indignada) Impossível! Lá não tem dessas coisas... Ninguém até hoje referiu... Por quê só na pequena... Ela não é vaca!...

Eu, teimoso e obstinado na hipótese primeira e única, explico que berne é assunto comum pelo interior, uma praga mesmo, que dá na cabeça e em outras partes do corpo, não apenas um, mas até uma plantação deles... Conto a história da mulher da roça, que não usa calcinha e deita na cama para o merecido repouso da sesta, entremostrando as partes... Vem a mosca e ... Lá aparece o berne nas partes!... Dói, incha, infecta, difícil de tirar o raio da larva daquele lugar... Enfim, concluo que se berne também dá ali, é porque é assunto ginecológico. Como sou ginecologista, de berne eu entendo, é a minha especialidade... não é qualquer pediatra de metrópole que me vence nessa contenda...

— (mãe vencida e nitidamente horrorizada) Nossa, na cabeça da minha filha! E o que eu faço? ... Vixe, mas tem que apertar pra ele sair?... Não tem remédio que dá pela boca?... Será que é grande?...

Filosofei um pouco em cima do tema, expliquei a propriedade de se manter o antibiótico já iniciado pela colega urbanóide, pois havia risco de infectar e, na cabeça, podia virar coisa séria, até meningite bacteriana... [Por quê não fiquei com a minha grande boca fechada!.. Era consultinha rápida, de poucos impulsos... o jantar foi esfriando, enquanto eu apaziguava o coração materno, excluindo as perigosas *ites* que podiam dizimar a criançada de toda a vizinhança...]

Passaram-se uns dias e, mais ou menos uma semana depois, me liga a mãe amiga.

— Tudo bem com a menina? Foi fácil tirar o berne?

— (mãe resignada) Que nada. Tive medo, não consegui nem mexer na coisa. Quando finalmente eu tava quase com toda a coragem, vi que hoje saiu uma coisa branca cheia de pontinhos pretos, gorda, um horror de nojenta...!

— Mas e o seu marido, por quê não fez como eu orientei?

— (mãe valente) Esse é um banana, nem chegar perto ele quis... Não havia nada na cabeça dele, acho que berne escorrega naquela careca brilhante e lisa.

Refleti no tema da calvície, que nem boné fixava... Por quê só a menina fora vítima?... Era um sítio tão arejado...

— Bem, se você enterrar a larva gorducha no jardim, ou mesmo num vaso de planta, pode ser que nasça uma mosca do berne... Ai, completa o ciclo biológico... Mosca também tem seus direitos à vida, né...

O outro caso é bem recente, ocorreu logo ao primeiro dia da primavera deste ano que parece voar, de tão rápido escoam os meses.

Outra amiga minha de longo tempo, artista plástica e fotógrafa, me surpreende por telefone, num dos pontos de parada da minha maratona diária pela pequena capital

paulista.

— Oi, como vai *R*...

— (amiga querida) Tenho um problema, não sei o que acontece...

— E seu marido *A*..., ele continua...

— (amiga desesperada) Já colhi exame de sangue e me mandaram ao infectologista. Acho que tem um tumor no pescoço ou infecção grave...

Desisti das preliminares e ataquei o problema. Não é todo dia que a gente precisa de preliminares. Além disso, problema grave tem prioridade a essas futilidades. Dói, tem febre, rigidez de nuca?... dor no ouvido, nos dentes, na garganta?...

— (amiga preocupada) Tudo começou ontem, quando fiz um esforço e senti dor no pescoço... Pus a mão e senti uns caroços... Agora dói toda hora ... O médico clínico pediu hemograma e já disse que é caso de infectologista, pode até ser necessário encaminhar a outro especialista, talvez precise cirurgia... Mas tenho o laudo do exame de sangue...

Colhi todos os dados possíveis sobre os tais tumores, por telefone. O quadro era de adenomegalia cervical direita, de início agudo. Sem outros concomitantes, nada mais de importante. Respirei fundo, refletindo por um segundo e parti decidido para o interrogatório geral. Febre?... Caroço na axila, na virilha?... Dor na nuca... nas costas?... Alteração visual?...

— (amiga desconsolada) Nada disso... Tem o exame de sangue...

— Então leia para mim os resultados do exame de sangue, devagarinho... [hemograma normalíssimo, resultados seguramente bem melhores do que um exame meu].

— Você viajou recentemente?

— (amiga desconfiada) Só fomos a um sítio, em Ouro Fino... Isso foi há 2 semanas...

— Não surgiu nenhuma ferida, caroço, espinha?...

— (amiga turista) Bem, tem também uma espinha na cabeça.

— Essa espinha tá doendo?

— (amiga mais animada) É, hoje deu umas fisgadas...

— É do lado direito da cabeça?... No sítio havia gado, cachorro, cavalo?...

— (amiga artista) Isso... As vacas estavam soltas ao lado da casa... eu deitei no chão para tomar sol... Não, não usei boné nem chapéu!...

— O seu problema do pescoço e da cabeça é um só, e é ginecológico!

— (amiga estupefacta) Hum...?!

— É, sou ginecologista e desses assuntos eu entendo... Não, não quero saber quando foi a sua última menstruação... Escute, esse calombo na sua cabeça é ... berne!!

— (amiga apavorada) Berne?! Que horror!... Mas dá na cabeça?... É vivo?... E essas fisgadas, pensei que fossem de causa psicológica?... Larva de mosca?!?!

Orientei conforme a rotina de meu conhecimento ginecológico do caso. Desfiei a história da mulher da roça que deitou desabrigada e foi assediada por uma mosca ...

— (amiga ceramista) Acho que vou vomitar...Que nojo!

À noite, nem banho eu tinha tomado, quando às 20:30 horas toca o telefone.

— (marido de saco cheio) Luiz, tô indo ai...

— Aonde?

— (marido cansado) Na sua casa... O berne não pára de dar fisgadas e eu é que não vou passar a noite com mulher enojada, com verme na cabeça...

— (médico mudo) ...

— Será que vamos atrapalhar ...?

— (ginecologista resignado) Não, tomamos um café e conversamos sobre cerâmicas. Mas tudo aqui tá uma bagunça... melhor não reparar...

Em meia hora eles chegavam. Extraído o incômodo verme (mediu uns 8 mm), verifiquei que a linfadenopatia devia mesmo ser reativa. Ofereci uns comprimidos aperitivos de antibiótico, a título de prevenção de infecção, um café, assistimos um vídeo de um artista entrevistado por mim (é, também faço essas coisas, quando sobra tempo) e passamos a discutir questões indígenas, pois todos somos apaixonados por esse tema, que é de longe o mais interessante da nossa terra, depois, é claro, do repertório musical caipira (ainda estou triste pelo passamento do Tonico, do Zé Coco do Riachão, do João Pacífico, e sei que vou ficar arrasado se a Inezita Barroso partir antes de mim...).

— (amiga artista plástica, de cabeça dolorida e mais leve) 'Brigado, era mesmo assunto ginecológico...

Antes de partirem, emprestei três livros de índio, um era o livro do Curt Nimuendajú e, como eles desconhecessem o famoso autor, expliquei o significado do nome indígena do alemão/índio/brasileiro naturalizado (*aquele que construiu sua própria morada*). Como meu amigo/marido da amiga também é artesão e está construindo seu próprio barco, um iate, decidi batizar o amigo Nimoigarajú (*aquele que construiu sua própria embarcação*).

Meu casal amigo foi embora mais de meia noite, deixando o rastro da boa prosa, um bule com fundo de café morno, uma ponta de saudade precoce, e a bolsa com todos os documentos e o talão de cheque ao lado do sofá.

Relato essas duas histórias, na minha modesta e imperfeita redação, só para lembrar que a formação médica anda deficiente. É verdade que ginecologista é o médico de formação mais completa na profissão... Mas é bom lembrar que berne é coisa comum, como também o são as lombrigas, as solitárias, os piolhos, as mordidas de cobra e muitas outras coisas e bichos comuns, que andam desprezados no ensino médico. Acho que especialização é muito necessária, fundamental até, para animar o intelecto da gente no exercício da hoje menos grata profissão. Porém, formação é formação, e não adianta investigar linfoma, mononucleose ou metástase tumoral se o berne estiver comendo o couro cabeludo...

ANO V-Nº38 MAI/JUN/99

As doenças cardiovasculares e a prevenção

Piracicaba dá exemplo e começa prevenção já na infância

ÁGUA

E as doenças que ela nos traz

Mãe Canguru: projeto está conquistando o país